

DOENÇA DA MORTE

1ª CENA

- ação
 - Diálogo
 - Indicação Rubrica
 - Reflexão ou dados de Personagem
- ele sozinho na cama com o sexo erguido na noite, clamando por onde se por, por onde se desembaraçar dos choros que o impregnam.
- a vê em todos os lugares ao mesmo tempo: hotel, mar, trem, bar, livro, filme, em si próprio.

O ACORDO DE PAGAMENTO:

ELE: - Será preciso vir cada noite durante vários dias

ELA: (olhando-o longamente) – Nesse caso será caro. (Tempo) o que é que você quer?

ELE: Eu quero experimentar, tentar a coisa, tentar conhecer, habituar-me com isso, com esse corpo, com esses seios, com esse perfume, com a beleza, com esse perigo que esse corpo representa de colocar no mundo crianças, com essa forma imbebe sem acidentes musculares nem força, com esse rosto, com essa pele nua, com essa coincidência entre essa pele e a vida que ela encobre. Eu quero experimentar, experimentar vários dias talvez.

Talvez várias semanas. Talvez inclusive durante toda a sua vida.

ELA: - Experimentar o que?

ELE: - Amar.

ELA: - Por que agora?

ELE: - Para dormir sobre o sexo distendido. Ali onde eu não conheço. Quero experimentar chorar ali, nesse lugar ali do mundo.

ELA: (sorrindo) – Você quer também a mim?

ELE: Sim. Eu não conheço ainda, eu queria também penetrar ali. E tão violentamente quanto costume. Dizem que é ainda mais resistente, que é um veludo que resiste mais ainda que o vazio.

ELA: - Não sei. Não poderia saber. (Tempo) Quais seriam as outras condições?

ELE: - Você deverá se calar como as mulheres dos seus ancestrais, se curvar completamente a mim. Ser-me completamente submissa com os camponeses nas granjas após as colheitas, quando exaustos deixam vir a eles os homens, dormindo. Para que eu possa me habituar pouco a pouco com essa forma que desposará a minha que estará a minha mercê como as mulheres de religião estão para Deus – isso também para que, pouco a pouco, com o dia crescente, eu tenha menos medo de não saber onde colocar o meu corpo nem qual vazio amar.

ELA: - (Ela olha pra ele. Depois não o olha mais, olha além). Nesse caso é ainda mais caro.

(Ele aceita)

2ª CENA

Cada dia ela vem. No primeiro se põe nua e se estira no lugar que ELE lhe apontou na cama. ELE o olha adormecer. ELA se cala e adormece. ELE a olha toda a noite e lhe dá um nome. No segundo dia ela também chega com a noite e ELE a olha. Durante duas noites ELE a olha e ELA quase não fala. Na terceira noitinha ela começa.

ELA: - Sou-lhe útil para tomar o seu corpo menos só?

ELE: - Não sei compreender bem esta palavra em se tratando de mim mesmo. Eu confundo acreditar estar só com o contrário, viu a estar só (tempo) como com você.

(No meio da noite)

ELA: Em que época do ano estamos?

ELE: - Ainda no outono, pertinho do inverno!

ELA: - O que é que ouvimos?

ELE: - O mar.

ELA: - Onde ele está?

ELE: - Ali, atrás da parede do quarto.

(Ela adormece novamente)

(ELE fica tentando decifrar aquele cheiro que vem das suas roupas, dos seus cabelos, um odor que o estagna)

ELE: - Um odor de heliotrópio e de citrina.

ELA: - Como você gosta mais.

(ELE dorme com o rosto no alto das pernas dela ajustados, contra o sexo dela, na humidade do corpo dela, onde ela se abre. Ela o deixa fazer).

(Outra noite. Ela grita de prazer).

ELE: - Não grite.

ELA: - Não gritarei mais.

(Mas o rouco surdo e longínquo do prazer aparece através da respiração dela)

ELA: _ (abrindo os olhos) Que felicidade!

(Ele coloca-lhe a mão na boca para que ela se cale)

ELE: - Não se diz coisas assim.

ELA: (fechando os olhos) – Não mais o direi.

ELA: - Não falamos de nós?

ELE: - Não.

ELA: - Do que falamos?

ELE: - De todo o resto. Falamos de tudo, menos disso.

(Ela ri e adormece novamente)

(Ele anda no quarto em volta da cama. Ao longo das paredes do lado do mar chora. Sai na varanda com o frio nascente sem saber o que contém o sono dela que está na cama. Ela dorme e ele não a acorda enquanto a desgraça cresce no quarto. Ela quase (). Ele dorme no chão ao pé da cama, uma só vez)

(Ela acorda porque ele tocou seu corpo, nos seios, nos olhos).

(Ela acorda sem roupão)

ELA: - É o barulho do vento? Ou da maré alta? (Ele responde) (Tempo. Ela o olha!) A doença ganha-o cada vez mais, ganhou os seus olhos, a sua voz.

ELE: - Qual doença?

ELA: - Não sei ainda dizer qual.

(Noite após noite Ele se introduz na obscuridade do seu sexo. Às vezes, Ele fica ali, dormindo, dentro dela, a noite toda, para estar pronto se por acaso, graças a um movimento involuntário dela ou dele, a vontade de enchê-la viesse mais uma vez e então gozar somente pelo prazer, como sempre cego pelas lágrimas)

(Ele a olha:)

ELE: - Você deve ser belíssima.

ELA: - Eu estou aqui, olhe, eu estou diante de você).

ELE: - Não vejo nada.

ELA: - Tente ver, está incluído no preço que você pagou.

(Ele pega o corpo e olha os diferentes espaços, revira-o e revira-o ainda, olhando. Depois abandona-o. Pára de tocar o corpo).

(Ele descobrindo sua própria ignorância:)

ELE: - Não vejo nada.

(Ela não responde. Dorme)

(Ele a acorda:)

ELE: - Você é uma prostituta?

(Ela faz sinal que não).

ELE: - Porque aceitou o contrato das noites pagas?

ELA: - (com voz adormecida, quase inaudível) Porque desde que conversamos eu vi que estava tomada pela doença da morte. Durante os primeiros dias eu não soube como chamar essa doença. Só mais tarde eu pude.

ELE: - Repita estas palavras.

ELA: - A doença da morte.

ELE: - Como você sabe?

ELA: - Eu sei. A gente sabe sem saber como sabe.

ELE: - Em que a doença da morte é mortal?

ELA: - No fato de que aquele que está tomado não sabe que a tem em si, a morte. E no fato também de que ela morreria sem vida prévia à qual morrer, sem conhecimento nenhum de morrer em qualquer vida.

(Ele descobre que a barreira intransponível que há entre os dois não é a cor dos olhos dela, que cai entre o cinza e o verde, mas sim o OLHAR. Ele descobre que ela o olha e grita. Ela se vira para o outro lado).

ELA: Isso vai ser o fim, não tenha medo.

(Com um só braço ele a ergue de encontro a ele. E olha seus seios, come-os, bebe neles e nada no corpo dela se agita, ela o deixa fazer, ela deixa. Ele grita e diz:)

ELE: - Pronuncie uma palavra, uma única. O meu nome.

(E lhe diz o nome).

(ela não responde. Ele grita. Ela sorri). Depois o sorriso desaparece e ela não disse o nome). Ele olha. Ela dorme).